

A ADOLESCÊNCIA: O PROCESSO DE AFASTAMENTO FAMILIAR *VERSUS* TENDÊNCIA GRUPAL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Baruc Correia Fontes*
Fernanda Cristina Andrade Uzeda**

Resumo: Esse artigo objetiva analisar a tendência grupal na adolescência diante do afastamento familiar, que vem arraigado de conflitos, inquietações. Para enriquecimento das pesquisas bibliográficas e observações de um determinado grupo de adolescentes, utilizou-se a aplicação de um teste psicológico que permite o estudo da relação entre a personalidade e a tendência grupal característica da adolescência. Observou-se que cada perfil psicológico apresenta características latentes em cada indivíduo, e que há uma relação entre perfil da personalidade, afastamento familiar e tendência grupal.

Palavras-chave: Adolescência; Identidade; Relações sociais; Conflitos.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar la tendencia de grupo de los adolescentes delante del desprendimiento familiar, que viene arraigado de conflictos y inquietudes. Para el enriquecimiento de la investigación bibliográfica y observaciones de un grupo determinado de adolescentes, se utilizó la aplicación de un test psicológico que permite el estudio de la relación entre la personalidad y tendencia de grupo característica de la adolescencia. Se observó que cada perfil psicológico presenta características latentes en cada individuo, y que existe una relación entre el perfil de personalidad, el desprendimiento familiar y la tendencia de grupo.

Palabras clave: Adolescencia; Identidad; Relaciones sociales; Conflictos.

*“Este rosto no espelho me olha,
Perguntando: Quem é você? O que você vai ser?
E zombando me diz: Você nem ao menos sabe.
Castigado, me encolho e concordo
e depois,
como ainda sou jovem,
ponho a língua para fora.”*

(Eve Merriam)

1 Introdução

* Graduando em Psicologia (Bacharelado) na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

E-mail: barucfontes@gmail.com

** Graduada em Psicologia, pela Universidade Salvador; especialista em Saúde Pública, pela Faculdade São Camilo.

E-mail: nanda_uzeda@yahoo.com

A adolescência, assim como todo o processo de desenvolvimento humano, é um período em que ocorrem inúmeras mudanças, tanto no sentido fisiológico quanto psíquico. Por muitos é vista e vivida como um período crítico da vida, em que são tomadas diversas decisões, e no qual o eu entra em contato pela primeira vez com o real, saindo de um contexto imaginário, fantasioso como é o mundo da infância. Assim o adolecer trata-se de uma passagem da infância para a fase adulta, na qual o conflito se torna necessário para a construção de um ego sólido. Por vezes o adolescente é visto como rebelde e transgressor de leis e normas sociais, mas na verdade, são apenas características que permeiam o universo de tais sujeitos, que marcam essa passagem.

As mudanças ocorridas na adolescência e os conflitos vivenciados só terminam com o fechar desse ciclo, que ocorre, predominantemente, por volta dos 21 anos de idade. Como o ser humano é uma eterna metamorfose, os conflitos mudam, porém continuam a ocorrer em escalas e contextos diferentes. A adolescência especificamente trata-se de uma fase cheia de questionamentos e instabilidade, que se caracteriza por uma intensa busca de “si mesmo” e da própria identidade. Existe também um conflito em relação aos padrões estabelecidos, principalmente quando os pais/família são uma instância normativa e repressiva.

Os adolescentes, muitas vezes, se afastam de suas famílias em busca de liberdade; esse momento é marcado pela diferenciação, pelo reconhecimento de si como um ser único. Eles precisam dessa “busca de liberdade” enquanto processo de autoafirmação, e reconhecimento de identidade própria. Como existe uma busca constante pela identidade, o adolescente procura participar de grupos cuja maneira de pensar, agir e se comportar-se é parecida com a sua, o que podemos denominar tendência grupal. O comportamento do grupo torna-se regra, e a partir de então, novos comportamentos, crenças e atitudes são construídas pela cultura que os cerca, a qual também tem um papel fundamental na construção dessa identidade. Partindo disso, novas relações são estabelecidas, algumas promovendo a vida e construção do sujeito e outras nem tanto.

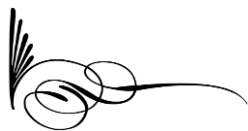
Desse modo, o presente artigo propõe-se a explorar a construção da identidade na adolescência, e sua relação com o afastamento da família e a tendência grupal, baseando-se na perspectiva de Erik Erikson, que discorre sobre as diversas dualidades que permeiam o processo de desenvolvimento.

2 O afastamento familiar, a tendência grupal e a construção da identidade

O grupo familiar tem um papel fundamental na constituição dos sujeitos, sendo importante na determinação e na organização da personalidade, além de influenciar significativamente no comportamento individual através das ações e medidas educativas tomadas no âmbito familiar (DRUMOND; DRUMOND FILHO, 1998). Na adolescência surgem os mais diversos conflitos familiares, mas, ao contrário do que costumam parecer, eles não são negativos, mas, de extrema importância para construção de identidade do sujeito.

É conhecida a ideia de que pais e filhos adolescentes não se relacionam bem, e isso é visto como ruim, tendo em vista que a sociedade preza pelo equilíbrio e bem-estar geral. Freud (1917 apud SILVA; MOREIRA, 2009), porém, dizia que o atrito entre pais e filhos é inevitável, originando-se da necessidade dos adolescentes de se libertar da dependência de seus pais, ou seja, os conflitos entre pais e adolescentes são normais.





Tendo em vista que esses conflitos são fortalecedores da identidade, em seu processo de construção, por meio da qual, de acordo com Erikson (1972), a pessoa define quem ela é e quais os seus valores e por qual direção deseja seguir; ou seja, elabora a concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas que o sujeito pretende cumprir.

Sendo assim, os conflitos familiares, de fato aumentam durante o início da adolescência, se estabilizando ao longo dela e diminuindo no final do ciclo. As razões apontadas para isso, em sua maioria, giram em torno da “liberdade”, ou seja, a busca constante da necessidade de afirmar a independência. Esses conflitos são mais intensos quando os pais buscam manter uma criação predominantemente severa e autoritária, buscando levar o adolescente a internalizar valores e costumes que faziam/fazem parte de sua época. O adolescente em contrapartida não aceita essas regras, afinal, ele está saindo da infância e tentado ingressar na fase adulta, o que causa grandes mudanças no relacionamento com seus pais, que de certo modo ainda o vêem como “sua criança”, seu dependente, por isso:

Os pais precisam saber distinguir entre dar aos adolescentes independência suficiente e protegê-los de lapsos imaturos de julgamento. Essas tensões costumam levar a conflitos familiares, e os estilos parentais de criação podem influenciar sua forma e resultado. (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2000, p. 495)

Os pais possuem grande dificuldade de adaptação a essa necessidade, e isso poderá causar uma rejeição por parte do adolescente fazendo com que ele busque apoio e aprovação em outros locais, como nos círculos de amizade:

Quanto mais o adulto se manifesta rigoroso e quer impor sua autoridade recorrendo a uma tradição, tanto mais ele enfraquece e se enfraquece com ela. Esse recurso, portanto, passa a produzir cada vez mais revolta por parecer sempre, em nossa cultura, como hipócrita. (CALLIGARIS, 2000, p. 30)

A grande dificuldade dos pais é a percepção de que um dia eles foram adolescentes, e os conflitos com seus familiares certamente existiram, embora provavelmente tenham sido de outra conjuntura, principalmente em virtude da dinamicidade das questões culturais, uma vez que a cultura é dinâmica. Assim, os pais precisam compreender que o afastamento se torna necessário para uma boa formação do ego, já que a segurança, confiança, autoconceito e identidade moral são construídas nas relações sociais, e de forma individual.

Depois que ocorre o afastamento familiar e/ou paralelamente a isso, o adolescente procura um grupo que sente as mesmas coisas que ele, que pensa do mesmo modo ou de modo parecido, para assim firmar sua autonomia perante a sociedade. Como alguns pais não entendem a necessidade de afastamento, também não conseguem entender essa necessidade de convivência em grupos que o adolescente sente. Assim:

Recusado como par pela comunidade dos adultos, indignado pela moratória que lhe é imposta e acuado pela indefinição dos requisitos para terminá-la (a



famosa e enigmática maturidade), o adolescente se afasta dos adultos e cria, inventa e integra microsociedades que vão desde o grupo de amigos até o grupo de estilo, até a gangue. (CALLIGARIS, 2000, p. 36)

A intensidade das amizades costuma ser maior na adolescência do que em qualquer outra época da vida. Elas são mais íntimas e provedoras de apoio, de modo que os amigos adolescentes consideram a lealdade como mais necessária, e competem menos e compartilham mais do que os amigos mais jovens (BERNDT; PERRY, 1990 apud PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2000), ou seja, surgem laços mais fortes, característicos da fase adulta.

Essas relações de amizades são de extrema importância para a construção da identidade. Os adolescentes que têm amigos íntimos possuem mais autoestima, consideram-se competentes, não tendem a serem hostis, ansiosos ou deprimidos, e geralmente saem-se bem na escola (BERNDT; PERRY, 1990 apud PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2000, p. 361).

Como os adolescentes buscam amigos que tenham comportamento, maneira de pensar e agir parecidos com os seus, há um fortalecimento dos laços que os unem ao grupo, sobretudo através das relações de confiança, que muitas vezes não encontram no ambiente familiar, o que dificulta a relação e aprofunda o conflito com a família. Segundo Aberastury e Knobel (1989), em alguns casos esse processo é tão intenso que essa aproximação não é tão fácil uma vez que a separação do grupo se torna algo impossível. O adolescente se sente mais pertencente ao grupo de afinidades do que ao grupo familiar: “Em outro nível, as atuações do grupo e dos seus integrantes representam a oposição às figuras parentais e uma maneira ativa de determinar uma identidade diferente da do meio familiar.” (ABERASTURY; KNOBEL, 1989, p. 37). O agrupamento é necessário para construção da identidade do adolescente, e nesse ínterim se torna indispensável a presença dos pais, uma vez que eles estão querendo vivenciar diversas experiências ao mesmo tempo para que assim possam escolher o que é mais próximo com o seu ego.

A manutenção desse vínculo parental, quando obtido de maneira forçada, causa revolta nos adolescentes pois o que eles querem é autonomia perante a sociedade e perante os pais, o que, segundo Calligaris (2000), é apenas uma forma de embate e de luta pelo espaço que os próprios adultos não permitiram que lhe fosse concedido, causando assim o sentimento de não pertencer ao mundo dos adultos e tampouco ao mundo das crianças, provocando neles a necessidade de interação com outros adolescentes e a formação de grupos para superar o sentimento de exclusão em um lugar onde sejam aceitos com todas as suas inquietações, o que fomenta um comportamento rebelde, fruto da influência sofrida pelo grupo escolhido. Sobre isso, Calligaris (2000, p. 38) assevera que: “Quanto mais o comportamento for transgressor, tanto mais fácil será o reconhecimento: a transgressão demonstra afastamento dos adultos, adesão e fidelidade ao grupo.”

Contudo, não se pode absolutizar o distanciamento, é crucial a compreensão do adolescente em relação à família, que detém um poder influenciador inegável sobre essa constituição, pois segundo Ferrari e Kaloustian:

É a família que propicia os aportes afetivos e sobre todos os materiais necessários ao desenvolvimento e bem estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários onde se



aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais. (FERRARI; KALOUSTIAN, 2000, p. 12)

Sendo assim, percebe-se o importante papel que a família tem nessa relação, como forma de prover um suporte afetivo/educacional que proporcione bem-estar aos adolescentes. Por isso, o psicanalista Jacques Lacan explica que dentre todos os grupos humanos,

A família desempenha um papel primordial na transmissão de cultura. Se as tradições espirituais, a manutenção dos ritos e dos costumes, a conservação das técnicas e do patrimônio são com ela disputadas por outros grupos sociais, a família prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua acertadamente materna. Com isso, ela preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA., 1993, p. 237)

Desse modo, a formação da identidade recebe a influência de fatores intrapessoais, que se somam ao que é inato do indivíduo e que compõem suas características de personalidade; de fatores interpessoais, que vem da identificação com outros sujeitos, ou seja, com os grupos; e de fatores culturais que cabem aos valores sociais expostos aos sujeitos. Percebe-se então, uma interligação entre os fatores, que não estarão separados em nenhum momento do processo de desenvolvimento humano.

3 Aplicação do *QUATI* em adolescentes

Partindo do que foi exposto, surgiu a necessidade de uma observação em adolescentes, seguida da aplicação de um teste psicológico chamado QUATI, que foi utilizado como um instrumento objetivo para avaliação da personalidade dos adolescentes; segundo Noronha, Santos e Sisto (2006, p. 245) “O QUATI foi desenvolvido no bojo de várias pesquisas no instituto de psicologia da universidade de São Paulo, sob a orientação da prof^a Dr^a Ana Mathilde P. C. Nagellschmidt”, ou seja, sua cientificidade e eficácia foram estudadas, dando provas de que ele avalia a personalidade através de escolhas situacionais que o sujeito faz. Ele busca identificar a Atitude (introversão, extroversão), as Funções perceptivas (intuição, sensação) e as Funções avaliativas (pensamento, sentimento), sua aplicação se dá de modo a escolher entre duas opções que estão inseridas em diversos contextos e conseqüentemente em diversas situações dentro do contexto, o que envolve desde uma festa a uma viagem e sua vida pessoal; percebe-se então a importância do teste na observação das relações sociais nos diferentes contextos.

O estudo foi realizado com um grupo de 20 adolescentes, 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. O teste foi aplicado e logo em seguida foram feitas algumas perguntas de modo informal numa conversa descontraída em que foi possível observar alguns aspectos que são característicos da adolescência.



O contato com o público estudado foi proveitoso na medida em que possibilitou a visualização da teoria na prática; foi verbalizado o afastamento da família, bem como foi possível ver como se configuram os grupos na prática, geralmente separados por gênero. No decorrer da conversa antes da aplicação do teste, foi perguntado se eles perceberam um afastamento dos pais e a maioria respondeu que sim, porém J. J. S. não percebeu esse afastamento, pelo contrário, ela relata que se aproximou mais ainda dos pais. Perguntou-se também se eles tinham muitos amigos e como era essa relação, o adolescente A. W. S. J. disse ter uma relação muito boa de amizade, inclusive quando perguntado se pertencia a algum grupo, ele espontaneamente disse ser “Emo” e “Fake”, e quando questionado sobre como foi o processo de escolha desses grupos ele disse que foi através dos amigos e que preferia se parecer com seus amigos do que com seus pais, alegou também que a relação com os pais é péssima. Além disso, outros adolescentes salientaram que a relação com os pais se dava de modo negativo, sempre se pautando nos comentários uns dos outros; percebe-se então a influência do grupo sobre suas falas. Como citado anteriormente os grupos se delineiam de modo bem distinto entre homens e mulheres, conforme se percebe a diferenciação de gênero, como forma de agrupamento e compartilhamento de atos e falas similares entre os participantes dos mesmos grupos.

A aplicação do teste revelou diversos perfis psicológicos. O perfil que apresentou maiores resultados, com 6 adolescentes, foi E St Ss, que tem como atitude a Extroversão, a função principal Sentimento e a auxiliar Sensação. Há uma semelhança entre esse perfil e as características da adolescência, pois Zacharias (2003, p. 22) afirma que:

Sendo a harmonia tão importante para elas, estão sempre prontas a concordar com as opiniões alheias, dentro dos limites do razoável. Cabe aqui uma advertência: é importante tomar cuidado com essa tendência, pois existe o perigo de que se concentrem tanto nas opiniões dos outros que percam de vista as próprias. (ZACHARIAS, 2003, p. 22)

Isso porque esse perfil psicológico é caracterizado pela adequação de comportamento ao que os outros fazem, caracterizando assim uma identificação com a maioria dos adolescentes pesquisados que seguem e tem o grupo como referência e se baseiam nele para se vestir, para aprender a expressar-se e também repetir os mesmos atos.

O perfil I Ss St agrupou 3 adolescentes, e obteve tem como atitude a Introversão, a função principal Sensação e a função auxiliar Sentimento. Esse perfil psicológico apresenta fragilidade na questão de julgamento, uma vez que as funções Sensação e Sentimento são mais utilizados que o Pensamento.

As pessoas deste tipo poderão ter problemas, se não desenvolverem adequadamente suas funções ligadas ao julgamento (no caso delas, julgamentos feitos a partir de seus sentimentos), pois se não o fizerem não serão eficientes para lidar com o mundo que as cerca, adotando uma atitude de fechar-se dentro de si mesmo e focalizando toda sua atenção em suas próprias reações e nas impressões que lhes vem através dos órgãos dos sentidos. (ZACHARIAS, 2003, p. 40)



O perfil I St In caracterizou 2 adolescentes. Ele tem como atitude a Introversão, função principal Sentimento e função auxiliar Intuição. Pessoas desse perfil são apontadas como capazes de vislumbrar além do que está presente, do óbvio, do conhecido; e quando trabalham em algo que acreditam se mostram mais eficientes. No entanto, podem sentir-se culpados, como coloca Zacharias (2003, p. 34) “Um eventual problema resultante dos contrastes que sentem entre aquilo que almejam realizar e aquilo que conseguem realizar, é um certo complexo de culpa e sentimentos de inferioridade.” Desse modo, Zacarias, são caracterizados com sentimentos de inferioridade, a atitude de introversão pode ajudar no processo de frustração quando não conseguem realizar aquilo que almejam e por isso sentem-se inferiores.

O perfil I St Ss é formado pela atitude de Introversão, função principal Sentimento e função auxiliar Sensação; os adolescentes desse perfil são caracterizados pelo ponto de vista muito particular que tem da vida, julgando a tudo e todos a partir de seus valores individuais, no entanto, Zacharias (2003, p. 41) informa que embora “sejam pessoas que se prendem a valores facilmente influenciáveis por aqueles que gostam”, confirmando assim a influência dos grupos nos valores e modos de agir dos adolescentes J. S. G. e D. A. P. que estão inseridos nesse perfil.

Ainda foram caracterizados 2 adolescentes com outro perfil, o E St In, que tem como atitude a Extroversão, função principal Sentimento e função auxiliar Intuição; dois adolescentes estão inseridos nesse perfil, o que os coloca como pessoas que irradiam calor humano, pois dão muito valor ao contato com os outros, porém Zacharias (2003, p. 14) assevera que “são geralmente muito sensíveis a manifestações de aprovação e sofrem com manifestações de indiferença por parte dos que lhes estão próximos, já que muito do prazer e da satisfação que auferem em suas vidas provêm do calor humano dos que lhes estão próximos.” Desse modo, os adolescentes desse perfil se mostrarão dependentes do grupo no qual estão inseridos, buscando a aprovação dos mesmos para se sentirem bem.

Os demais perfis não serão abordados por terem caracterizados apenas um indivíduo do espaço amostral.

Portanto, é possível perceber a importância do teste de personalidade para fortalecer as características encontradas na observação, pois a mesma corrobora o teste, o qual dá ênfase ao processo de introversão e extroversão como forma de perceber as relações dos sujeitos com o mundo.

Foram encontradas semelhanças entre os adolescentes no que diz respeito à necessidade de relacionar-se com outros ou até mesmo a necessidade da opinião dos componentes do grupo para tomada de decisões que possibilitarão o direcionamento de suas vidas. Os conflitos vislumbrados em cada perfil apresentado se dão na medida em que há relações sociais ou na ausência das mesmas, o que indica a importância do processo grupal para a aquisição de uma melhor qualidade de vida no sentido social.

A família e os grupos são partes constituintes na construção da identidade e o QUATI ajudou na percepção de tais conceitos trazidos pelos teóricos citados anteriormente no tópico antecedente, no que se refere à importância e interferência dos grupos nessa construção.

4 Conclusão

Desse modo, cada conflito originado no seio familiar ou no grupo social no qual os adolescentes estão incluídos, serve para avaliar o processo de desenvolvimento humano, o qual



possibilita aos sujeitos constantes mudanças e conseqüentemente evolução e amadurecimento, fatores que auxiliam na passagem de uma fase a outra.

A construção da identidade, bem como os fatores que influenciam nesse processo, são partes essenciais na relação com o perfil da personalidade encontrados após a aplicação do teste, pois visam estabelecer relações entre ambos, através das construções sociais, onde há colaboração da família e dos grupos externos ao seio familiar para fortalecimento da identidade, que interfere na construção da personalidade, visto que a mesma é a junção de temperamento (inato) e caráter (adquirido). Desse modo, possibilita o fortalecimento do ego do adolescente, ajudando no estabelecimento das relações sociais do mesmo.

A adolescência é uma fase cheia de características próprias, que ajudam na construção de uma identidade, fortalecida pelos laços familiares e sociais que cercam os adolescentes e que constituem dimensões essenciais do sujeito nesse processo.

Referências

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência Normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas. 1989.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). **A Família Contemporânea em Debate**. 3 ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000.

DRUMOND, Marina Canal Caetano; DRUMOND FILHO, Helio Caetano. **Drogas**: a busca de respostas. São Paulo: Loyola, 1998.

ERIKSON, Erik Homburger. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FERRARI, Mario; KALOUSTIAN, Silvio Manoug. Introdução. In: KALOUSTIAN, Silvio Manoug (org.). **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília: Unicef, 2000. p. 11-15.

KALOUSTIAN, Silvio Manoug. **Família brasileira, a base de tudo**. 4 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unicef, 2000.

NORONHA, Ana Paula Porto; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; SISTO, Fermino Fernandes. **Facetas do fazer em avaliação psicológica**. São Paulo: Vetor, 2006.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.



SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SCLIAR, Moacyr. **Do mágico ao social**: trajetória da saúde pública. São Paulo: Senac, 2005.

SILVA, Alrenilda Aparecida da; MOREIRA, Simone Alves Cotrin. O processo de desenvolvimento na adolescência na visão psicanalítica. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, São Paulo, a. VII, n. 13, nov. 2009. Disponível em: <<http://www.revista.inf.br/psicologia13/pages/artigos/ART02-EDIC13-ANOVI-NOV2009.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2012.

ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. **QUATI**: questionário de Avaliação Tipológica (versão II): manual. São Paulo: Vetor, 2003.

